

O TRABALHO DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Mario BERTOLDO¹

RESUMO

A metodologia de ensino baseada no Trabalho de Campo destaca-se como um recurso eficiente para dinamizar a prática curricular dos conteúdos trabalhados pela Geografia e é de grande valor para a análise e compreensão do espaço geográfico, estreitando as relações entre a teoria e a prática. Este artigo objetivou investigar a importância da aula de campo como metodologia didática para facilitar o entendimento dos conteúdos geográficos escolares. O objeto de estudo foi uma turma do Ensino Médio do Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo, no município de Campo Mourão, Paraná, e a extensão da pesquisa partiu de roteiros dirigidos no Parque Gralha Azul, na mesma cidade. As pesquisas teóricas tiveram como base os conteúdos presentes no livro didático relativos à paisagem geográfica, e as práticas de campo contaram com uso do método indutivo de observação, análise e correlação, com o objetivo de assimilar e obter novas informações geográficas. As pesquisas em referências clássicas e contemporâneas e as experiências obtidas na implementação das aulas de campo, confirmaram a hipótese de que os conhecimentos geográficos, quando experimentados por projetos de pesquisa e respaldados por práticas curriculares que imprimem ações às aulas, tornam a aprendizagem prazerosa e significativa.

Palavras chave: Trabalho de Campo em Geografia. Geografia na Educação básica. Ensino de Geografia.

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, atuando em Campo Mourão (PR).

FIELDWORK AS A STRATEGY TO TEACH GEOGRAPHY AS A SCHOOL SUBJECT

ABSTRACT

The teaching methodology based on Fieldwork stands out as an efficient resource to improve and dynamize the curricular practice of the contents studied by Geography and considers of a great importance to analyze and comprehend the geographical area, narrowing relations between theory and practice. The present article aimed to investigate the Field classes' importance as a didactic methodology to help the comprehension of the geographical school content. The research took place in a public high school class of Colégio Estadual Ivone Soares Castanharo, located in Campo Mourão, Paraná, and the research extension was guided by directed scripts which took place at Parque Gralha Azul, in the same city. The theoretical researches were based on the contents from the didactic book related to the geographic landscape, and the field practices used was the inductive method of observation, analysis and correlation, with the objective of assimilating and obtaining new geographic information. The researches in classic and contemporary references and the experiences obtained in the implementation during the field lessons, confirmed the hypothesis that the geographical knowledge, when experimented by research projects and supported by curricular practices that bring actions to the classes, transforms learning into a pleasant and significant experience.

Keywords: Geographical Fieldwork. Geography on education basis. Geography teaching.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática do Trabalho de Campo na disciplina de Geografia deve-se ao entendimento de que o mesmo se apresenta como uma importante metodologia de aprendizagem, na medida em que possibilita a compreensão dos conhecimentos contidos nos conteúdos dos livros didáticos e transmitidos pelo professor. Nesse entendimento, o Trabalho de Campo permite relacionar os aspectos já identificados nos textos ou imagens teóricas à paisagem observada e analisada do espaço geográfico, propiciando a descoberta de fatos e tornando possível a construção de novos conhecimentos.

O Trabalho de Campo é uma forma clássica e tradicional de os geógrafos levantarem dados e informações. Essa metodologia de aprendizagem é de grande importância, pois oferece potencialidades que devem ser levadas em consideração no processo educativo, valendo-se de uma técnica acessível e eficaz para observar, analisar, registrar, compreender e representar os objetos de estudo.

Para abordar conteúdos geográficos na perspectiva do Trabalho de Campo é preciso partir da compreensão da realidade observada, do espaço vivido e das ações cotidianas com o objetivo de fazer uma leitura dinâmica da paisagem, favorecendo a compreensão da mesma a partir de sua composição física e social, de sua produção e de seu ordenamento territorial, cenários da expressão dos fenômenos geográficos.

Pensando assim, o proposto artigo relatou as experiências de uma turma do Ensino Médio do Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo no município de Campo Mourão-PR, no ano de 2016, a partir das atividades desenvolvidas num roteiro de campo no Parque Municipal Gralha Azul, próximo à escola.

As saídas de campo foram realizadas de forma investigativa com base nos conteúdos didáticos, num processo mediado pelos conceitos geográficos de espaço, lugar e paisagem. O objetivo do projeto foi analisar as características da vegetação, o processo erosivo e a poluição ambiental, causados por ações antrópicas, a fim de compreender o que é uma unidade de conservação e a importância da conscientização ambiental e das políticas públicas de conservação.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná -DCE (2008), no texto que se refere aos sujeitos da educação básica, menciona a importância de incentivar a

prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino e aprendizagem. Orienta que os conteúdos sejam trabalhados de forma crítica, dinâmica, contextualizada e com questões que estimulem o senso crítico, o raciocínio e a reflexão, pois assim o aluno passa a participar da construção do conhecimento.

A Aula de Campo, se bem planejada, tem dentre as suas características uma que consiste em instigar o aluno à observação e à comparação, associando as análises à sua realidade, pois:

Parte-se de uma realidade local bem delimitada para investigar a sua constituição histórica e realizar comparações com os outros lugares, próximos ou distantes. Assim, a aula de campo jamais será apenas um passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de Geografia. (PARANÁ, 2008, p. 80-81).

Nas aulas de Geografia os conteúdos são relacionados aos fatos observados na realidade por meio de imagens, leituras de textos, análise de mapas e dados estatísticos, no entanto este exercício de relação quando circunscrito apenas às atividades de sala de aula torna-se bastante abstrato para os alunos. Entende-se em muitos casos que a decodificação geográfica só acontece se o campo for explorado, se o contato for feito e se a paisagem for analisada, oferecendo significado para aquilo que foi lido nos textos de abrangência teórica.

Diante dessa abordagem, o ensino da Geografia tem a importante missão de sensibilizar o aluno de sua participação social no mundo. Se antes a Geografia era vista como uma disciplina na qual decorava-se e descrevia-se textos e conceitos, atualmente ela exige a prática da reflexão, uma vez que para compreender diferentes fenômenos nos âmbitos sociais, naturais, culturais, dentre outros, os estudantes precisam entender os conceitos presentes nos textos em sala de aula e desenvolver autonomia para destacar fatos e fenômenos que não estavam presentes, mas que merecem atenção.

2 REFLEXÃO SOBRE O CURRÍCULO DE CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS E SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

As definições curriculares oficiais e os materiais didáticos relacionados ao ensino de Geografia servem ao docente como um referencial importante na organização do seu trabalho

pedagógico, porém, o currículo escolar, entendido como conjunto de conteúdos ou percurso a se percorrer também necessita ter suas bases referenciais nas experiências vivenciadas pelos alunos, a partir de seus interesses e sob a tutela da escola.

A estrutura curricular de Geografia tem passado por sucessivas renovações ao longo das últimas décadas, abandonando perspectivas tradicionais baseadas em visões geralmente estáticas e decorativas da realidade para adotar compreensões calcadas no social e na vivência do estudante. No entanto, é possível perceber que a prática escolar ainda carrega características de um ensino baseado nas perspectivas tradicionais decorativas que comprometem a compreensão de conteúdos e desconsideram a experiência prévia dos estudantes.

Sacristan (2013) enfatiza que o conceito de currículo estabeleceu limites, impondo normas e métodos para a escolarização ao associar os conteúdos aos graus do ensino, determinando assim os conteúdos que os professores devem cobrir, bem como o refinamento dos métodos de ensino que devem usar. No entanto, o autor adverte que não haverá mudança significativa de cultura na escolarização se o papel do professor ficar reduzido exclusivamente a um simples executor ou aplicador eficiente de manuais didáticos.

Segundo Lopes e Pontuschka (2010) o professor deve selecionar os conteúdos e ensinar os métodos que imprimam ação as aulas, e para Oliveira (2003), falar em alternativas curriculares é pensá-las como possibilidade de contribuição para a “emancipação social”:

É compreendê-lo não apenas como uma lista de conteúdos a serem ministrados a um determinado grupo de sujeitos, mas como criação cotidiana daqueles que fazem as escolas e como prática que envolve todos os saberes e processos interativos do trabalho pedagógico realizado por alunos e professores. (OLIVEIRA, 2003, p. 9).

O que se pretende aqui não é desconsiderar as normatizações curriculares, mas flexibilizá-la à realidade social, local e educacional, pois na função de mediadores entre os alunos e os conhecimentos científicos os docentes precisam muitas vezes fazer adaptações na organização e na estrutura do ensino.

Pensando assim, o Trabalho de Campo como indissociável do currículo de geografia possibilita o professor ir além do método expositivo de conteúdo, favorecendo e estimulando os alunos às múltiplas possibilidades de assimilação do conhecimento e de envolvimento com o objeto pesquisado, na perspectiva de intervenção na realidade social.

Sacristan (2013) enfatiza que entre os conhecimentos disponibilizados nos livros didáticos e a absorção dos mesmos pelos alunos existe o agente mediador que é o professor, isto é, existe uma cultura que propõe conteúdos para o currículo e outra mediadora que convida à prática da aprendizagem, daquilo que está presente nos materiais didáticos ou não, que é a cultura dos professores e o fruto das interações entre tudo isso é o conhecimento escolar.

Do ponto de vista de que o currículo de conteúdos se constitui como um caminho a ser seguido, sua presença é indispensável no processo de ensino e aprendizagem, pois a prática docente não existe sem uma base teórica organizacional, todavia, do ponto de vista da prática pedagógica, na perspectiva dos docentes, o que interessa é, sobretudo, a capacidade de orientar a ação de aprender na direção considerada correta e significativa para o educando.

O pensamento sobre o currículo tem de desvelar sua natureza reguladora, os códigos por meio dos quais ele é feito, que mecanismos utilizam, como é realizada essa natureza e que consequências podem advir de seu funcionamento. Porém, não basta deter a isso. É preciso explicitar, explicar e justificar as ações que são tomadas e o que nos é imposto, ou seja, devemos avaliar o sentido do que se faz e para o que fazemos. (SACRISTAN, 2013, p. 23).

Raramente encontram-se estudos que tratem das práticas didáticas dando ênfase a um maior contato entre o ensino e o cotidiano, por isso é preciso adotar metodologias que imprimam movimento à aula, no sentido de estabelecer relação entre os conteúdos tratados em sala e sua compreensão junto à realidade imediata. Os alunos, em especial os mais jovens, se mostram intimidados frente à aprendizagem quando não conseguem assimilar os conteúdos dos livros didáticos. Desta forma, não se tornam participativos nas aulas e como fuga apresentam desinteresse, resistência e indisciplina. Esses enfrentamentos apresentados pelos alunos se justificam tanto pelo excesso de conteúdo quanto pela maneira descontextualizada com que estes são repassados pelos professores. Nessa perspectiva, faz-se necessário que o docente busque alternativas pedagógicas que ofereçam atrativos para a absorção prazerosa do conhecimento da Geografia. Libâneo (2008, p. 30) nos faz refletir que:

O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informação, a aprendizagem entendida como acumulação de conhecimentos não subsiste mais. É preciso que o professor medeie na relação ativa do aluno com a matéria, levando em conta as experiências e os significados que os alunos trazem para sala de aula, o potencial cognitivo, capacidades, interesses, modo de pensar e de trabalhar.

Ao contrário de subestimá-los ou desconsiderá-los cabe ao professor preocupado em educar para a cidadania conseguir transformar essa ação. Despertar e manter a curiosidade são as primeiras tarefas da escola e desafios constantes para os professores. Os resultados nem sempre são imediatos, porém são construídos num processo prazeroso e significativo.

Deffune e Lima (2013, p. 84) enfatizam que:

Embora encontre problemas de ordem comportamental, é um fato que a metodologia de ensino de uma aula convencional nem sempre propiciará indagações, pesquisas, questionamentos, intervenções, escolha em sala de aula; centra-se, em alguns casos, apenas na memorização dos conteúdos, simplificando, assim, pretensamente o trabalho do professor.

O papel do professor deve ser o de propiciar a assimilação de conhecimentos científicos na escola e para alcançar este propósito faz-se necessário, além da instrumentalização teórica e metodológica, o uso de recursos didáticos e tecnológicos para que esta prática se torne eficaz e satisfatória. Ou seja, é necessário transformar a realidade do ensino por meio de estratégias didáticas eficazes para os alunos, objetivando também desenvolver suas potencialidades enquanto sujeitos.

Muitos professores possuem concepções de pesquisa fortemente marcadas pela conotação acadêmica, nas quais a pesquisa é algo a se desenvolver exclusivamente nas universidades e que a escola é simplesmente um ambiente de pura prática da leitura e repasse das experiências teóricas vividas na academia, privando os alunos das experiências práticas que o educador vivenciou em seu processo de formação. Tais perspectivas caracterizam em um modelo de ensino que é chamado de conteudismo ou formalismo.

O hábito de investigar gera um olhar mais apurado para o sistema escolar, para a organização do trabalho docente, para o currículo, enfim, para os parâmetros legais que regem o funcionamento da escola e das disciplinas escolares. Entretanto, alguns fatores condicionantes impedem que os professores do Ensino Fundamental e Médio desenvolvam pesquisas: as condições de trabalho e as atribuições impostas a eles, principalmente a falta de conhecimento suficiente para compreender de fato o que é pesquisa e o seu real papel na educação, o que acaba por desestimular esses profissionais. Porém o docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico desfruta mais do processo de ensino aprendizagem e tira disso a sua realização profissional e pessoal.

Para as DCE (2008), a aula de campo permite ao aluno vivenciar tudo aquilo que até então era abstrato para ele. Depois de entender teoricamente os conteúdos geográficos, o estudante conseguirá por meio da aula de campo trabalhar a escala local, identificar os problemas cotidianos e conhecer o lugar onde vive, tendo a possibilidade de desenvolver algumas habilidades como a observação dos elementos que compõe a paisagem, o registro, a representação, a leitura e análise e a opção entre uma alternativa e outra. Além disso, a aula de campo deve também ter como finalidade a capacidade de relacionar de maneira sistêmica tanto os aspectos físicos quanto os humanos do espaço geográfico, considerando diversas escalas.

Desta maneira, uma das melhores formas de visualizar as relações homem e meio, ou sociedade e natureza no ensino de Geografia é a prática do Trabalho de Campo como um fator potencial da unidade escolar, de modo a potencializar as aulas de Geografia. Muitos alunos ainda não possuem a abstração dessas relações, entretanto, conforme amadurecem intelectualmente adquirem uma visão de conjunto e pode-se esperar deles observações e análises mais precisas e problematizações mais contundentes, visando alcançar aquilo que Monbeig (1957) denomina de Complexo geográfico². Dessa forma, mesmo que a intenção não seja de preparar pequenos geógrafos, o professor precisa despertar o espírito crítico nos alunos.

Considerando o papel do professor, Monbeig (1940) enfatiza que não se pode dissociar a produção científica em Geografia do Trabalho de pesquisa de campo. O geógrafo deve ser capaz de perceber e orientar para a mistura dos traços físicos sobre o terreno, a ligação com a vida vegetal e animal, bem como as marcas da ação humana.

Para esse geógrafo “o professor de Geografia precisava ir além de uma descrição empírica”. Seu estudo não negligencia o caráter explicativo da Geografia, isto é, vai além da descrição empírica. A análise sistematizada da paisagem deve ser prioridade, sem correr o risco de reduzi-la à análise do visível.

² A concepção de Geografia de Monbeig se baseia na noção que tem de complexo geográfico. Fortemente inspirado nas formulações lablachianas de meio e gênero de vida, além do entendimento que tem de fato geográfico – análogo ao fato histórico -, a Geografia monbeigiana tem como objetivo mostrar que esta ciência ultrapassa a descrição e dá conta também de explicar sob que contingências se estabelecem a relação entre o homem e a natureza, ou melhor, em que medida os elementos da natureza condicionam a ação do homem.

Ver como a paisagem é reflexo da civilização, tal é uma das principais tarefas do geógrafo; é um trabalho de análise que ele precisa fazer para distinguir o que provém do solo, do clima e também da técnica agrícola e da organização social. A análise da paisagem apresenta-se como um jogo de quebra-cabeças; mas, enquanto o jogo se torna logo fastidioso, é apaixonante o estudo da paisagem: apaixonante porque nos põe em contato com a humilde tarefa quotidiana e milenar das sociedades humanas; ela mostra o homem lutando sem cessar para aperfeiçoar-se. (MOMBEIG, 1940, p. 248).

A perspectiva de trabalhar a Geografia de forma descritiva e analítica pressupõe uma concepção moderna do ensino. Portanto, é fundamental que os professores tenham uma boa formação para que possam enfrentar os desafios sugeridos nas últimas reformas educacionais.

O bom professor de Geografia, isto é, aquele bem preparado no curso universitário, com boa formação didática-pedagógica e de conteúdos e que recebe suporte como formação continuada no exercício da profissão, consegue ressignificar em sala de aula algumas metodologias de ensino acadêmico, frente às concepções atuais de práticas interacionistas na produção de conhecimento.

Moreira (1992), salienta que o professor bem preparado, além da capacidade para trabalhar com grupos heterogêneos, possui condições para utilizar metodologias como a do Trabalho de Campo, estimulando progressivamente o aluno ao desenvolvimento de habilidades que possibilitem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.

Monbeig (1956), afirma que, “conhece-se o bom professor pela sua arte de graduar as dificuldades e em saber adaptar o ensino à idade mental e à qualidade de seus alunos”, e ainda à realidade social de vivência dos mesmos.

3 PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO ESCOLAR

As atividades escolares de saída de campo sempre são sinônimo de curiosidade e expectativa por parte dos alunos e para o êxito na sua realização algumas providências devem ser tomadas, considerando que alguns detalhes não observados podem se tornar empecilhos caso o professor não tenha clareza da importância de sua organização.

Elas precisam ser entendidas como práticas que melhoram o aproveitamento do conteúdo apreendido e como um meio para elucidar a teoria vista em sala de aula e suscitar novas

indagações. Precisam despertar nos estudantes valores de grande relevância, como a cooperação na realização de trabalhos em equipe, o gosto pelo estudo e pela investigação, o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção e o estreitamento das relações entre os estudantes.

A execução do Trabalho de Campo nas atividades escolares não diferencia tanto das técnicas utilizadas por Sternberg (1946) em suas pesquisas e envolve de modo geral diversas etapas que seguem:

- Planejamento pedagógico: as atividades de Trabalho de Campo devem constar na proposta pedagógica da disciplina de Geografia para a escola e devem ser incluídas no planejamento do professor no início do ano letivo, por isso, observar os rumos da organização escolar e do planejamento curricular é de suma importância para desenvolver um Trabalho de Campo significativo.

Nessa etapa o professor organizará os objetivos do trabalho, estipulará o cronograma para implementação, determinará o que estudar, porque estudar e como estudar, bem como selecionará a classe ou alunado envolvido, considerando o conteúdo proposto.

O planejamento de Trabalho de Campo em Geografia organizado por meio de projeto interdisciplinar poderá favorecer sua efetivação, proporcionando a troca de experiências entre as disciplinas, considerando os conhecimentos explorados por elas;

- Elaboração de programas e providências preliminares: essa etapa envolve a logística para a saída da escola como a viabilização de recursos financeiros, a permissão dos pais ou responsáveis, a preparação psicológica dos alunos, a contratação ou reserva de transporte, a presença de coordenadores, professores de Geografia e, se possível, de outras áreas do conhecimento, o local do trabalho e o tempo que se deve levar para as observações, a divisão de equipes para os relatórios e para sistematização;

- Preparação técnica: para a realização do Trabalho de Campo a preparação técnica se destaca na excursão prévia à área que se pretende estudar; o melhor meio de percorrer a área onde se deve caminhar, o itinerário mais prático para se chegar ao local e a definição dos materiais necessários à atividade de campo, auxiliando o professor a delimitar com maior segurança os objetivos do trabalho.

É necessária a escolha justificada de um local ou região para o âmbito do Trabalho de Campo, podendo ter como base uma leitura econômica, ambiental ou social, correlacionadas às atividades de sala de aula.

Independente da modalidade de Trabalho de Campo que se pretende realizar é sempre necessário que os alunos tenham em mãos os equipamentos técnicos individuais como caderno de notas, lápis ou caneta para anotações e ilustrações e dispositivo para captura e registro de imagens, como smartphone ou máquina fotográfica. Os materiais instrumentais, que podem ser de uso coletivo, são as cartas topográficas, a bússola e o GPS³, instrumentos indispensáveis para a orientação e a localização da área e dos fenômenos, e os mapas que, dependendo da área a ser pesquisada, podem ser recortados em seções para facilitar o estudo do local.

A Geografia da sala de aula aborda o mundo, muitas vezes mencionando fatos distantes, portanto a ideia de realizar projetos e de implementar ações práticas como o Trabalho de Campo escolar surge sempre da busca por metodologias que forneçam elementos para o processo de ensino e aprendizagem, valorizando sobretudo a realidade mais próxima do aluno.

3.1 ROTEIRO DE TRABALHO DE CAMPO: RELATO DAS OBSERVAÇÕES, ANÁLISES DA PAISAGEM E DAS AÇÕES ANTRÓPICAS NO PARQUE MUNICIPAL GRALHA AZUL

Para desenvolver uma pesquisa que enfatizasse a sugestão de roteiro de orientação para o Trabalho de Campo, propomos um roteiro de observação da paisagem no parque supracitado e a experimentação foi aplicada com um grupo de aproximadamente 30 alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo, no Município de Campo Mourão, Estado do Paraná, no ano letivo de 2016.

O Parque Municipal Gralha Azul (PMGA) criado pelo decreto municipal 2.262 de março de 2001 possui uma área de 42.278,41m² e localiza-se no lote 127-I do Conjunto Diamante Azul, nas proximidades dos Jardins Tropical e Aeroporto, situado na cidade de Campo Mourão, PR – Figuras 01. A Zona de Amortecimento do Parque Municipal Gralha Azul, isto é, a área estabelecida ao redor da unidade de conservação, engloba a microbacia do Rio Mourão e seus afluentes e este é tributário da margem esquerda do Rio Ivaí. A Figura 02 apresenta uma imagem aérea do Parque Municipal Gralha Azul.

³ GPS – *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global)

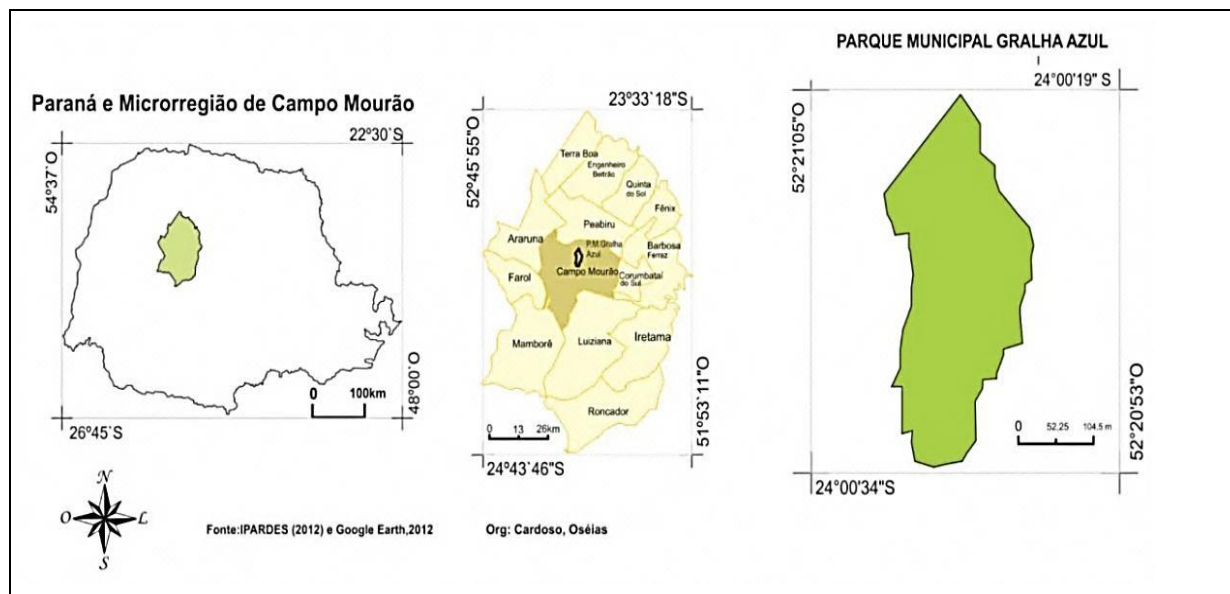


Figura 01 - Localização do Parque Municipal Gralha Azul

Fonte: CARDOSO, 2012.



Figura 02 – Campo Mourão. Vista Aérea do Parque Municipal Gralha Azul, 2016

Fonte: Google Earth – março de 2016. Organização: Neumar de Oliveira

3.2 PROCEDIMENTOS SOBRE OS REGISTROS E OBSERVAÇÕES NO ROTEIRO

Os procedimentos consistiram primeiramente em um levantamento de referenciais teóricos sobre os temas tratados por meio de aulas expositivas dialogadas. Para uma melhor organização do trabalho dividimos a sala em dois grupos: o primeiro grupo ficou encarregado em relacionar os aspectos sobre o processo erosivo, enquanto o segundo encarregar-se-ia de analisar a vegetação. Considerou-se para ambos os grupos a necessidade de correlacionar os ambientes estudados aos impactos das ações antrópicas.

Correlacionadas à temática principal foram levantadas algumas questões pertinentes à proposta do Trabalho de Campo: os educandos conhecem o parque que está ao seu redor? O parque é importante para preservação da fauna e da flora local? De que modo às ações antrópicas interferem na harmonia ambiental? O que a paisagem do parque revela sobre a dinâmica do espaço geográfico? E como os registros podem contribuir para revelar e divulgar a dinâmica ambiental e as manifestações culturais?

O trabalho de Campo foi realizado de forma investigativa com base nos conteúdos didáticos, em informações coletadas junto ao departamento de meio ambiente da Prefeitura Municipal e com os moradores locais. As informações prévias contribuíram para o levantamento de dados e organizaram a sequência de observação de campo, complementando as atividades de sala de aula.

3.2.1 Instruções e procedimentos sobre o Trabalho de Campo no Parque

Nos estudos realizados previamente descobrimos que o Parque Gralha Azul não possui um plano de manejo, por isso não ficou definido ao certo de que maneira esse parque pode ser explorado, porém, entendemos que é uma unidade de conservação, admitindo-se o uso indireto dos seus recursos naturais para atividades de Educação Ambiental.

Segundo Cardoso (2012), as UCs (Unidades de Conservação) urbanas são consideradas áreas especialmente protegidas, a sua presença no meio urbano as coloca em uma posição especial quanto aos propósitos de conservação dos recursos naturais e manutenção do conforto ambiental. Essa situação pode ser contemplada quando a unidade apresenta os recursos e

elementos básicos para gestão adequada, com a ausência desses elementos a realidade urbana pode incomodar o meio ambiente.

Portanto, ao instruir-se previamente o roteiro a ser seguido, também explicitou-se os procedimentos a serem adotados para a conservação dos recursos naturais ali existentes. Os alunos munidos dos cadernos de campo e dos aparelhos fotográficos deslocaram-se até o parque, onde tiveram a oportunidade de observar e anotar os aspectos previamente estudados, o que ajudou na identificação dos fatos.

Por ter causado um grande impacto nos alunos a primeira paisagem analisada foi a do processo erosivo no parque. Os alunos perceberam uma enorme voçoroca causada pela rede de galeria pluvial, canalizada da rede urbana e que passa dentro do Parque Municipal.

No processo de formação do bairro essa área ambiental tornou-se via de passagem da água em galerias subterrâneas em direção ao rio, Figura 03 (2012), porém depois da regulamentação do parque e com a inadequada manutenção o processo erosivo se formou e tomou grande proporção.



Figura 03 – Campo Mourão, Parque Gralha Azul. Emissário de galeria de águas pluviais localizado no interior do parque, 2012

Fonte: Cardoso, 2012

Como os projetos ambientais envolvendo Trabalhos de Campo são constantes nessa unidade de conservação, expusemos aos alunos em fotografia panorâmica imagens que retratam o

Geoinf: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 11, n. 1, p. 106-129, 2019
ISSN 2175-862X (on-line)

avanço do processo erosivo na área do parque. Considerando a Figura 04 (2015) e comparando-a com a Figura 05 (2016) os alunos entenderam que não houve manutenção adequada desse emissário e que a força da água da galeria foi responsável pelo processo erosivo.



Figura 04 – Campo Mourão, Parque Gralha Azul: processo erosivo, 2015
Fonte: Dieniffer Fernanda, Julho de 2015



Figura 05 - Campo Mourão, Parque Gralha Azul: avanço do processo erosivo, 2016
Fonte: Dieniffer Fernanda, Novembro de 2016.

Como as imagens revelam, o processo erosivo aconteceu não somente pela falta de manutenção do esgotamento subsuperficial, mas também pela ação direta das águas pluviais, se valendo da vulnerabilidade do solo. Nos relatos os alunos observaram a profundidade da voçoroca, identificaram os fragmentos da tubulação que fazia parte da rede de passagem da água fluvial do bairro, constataram a presença de resíduos orgânicos e sólidos no local e perceberam a ameaça desse fenômeno para as nascentes de rios e para os moradores que visitam o local.

Ao serem consultados os moradores próximos do local relataram que o processo erosivo no parque iniciou no ano de 2012 e nesse momento a prefeitura não tomou medidas cabíveis para adequação da galeria, com isso, a erosão destruiu a área gramada que ali existia, consumiu árvores, o local se transformou em descarte de lixo e por pouco a erosão não se estendeu pela rua, podendo causar danos à malha asfáltica e as residências. Isso só não aconteceu devido às sucessivas cobranças da comunidade, que levaram a administração municipal a depositar rochas como um recurso paliativo para conter o processo erosivo – Figura 06.



Figura 06 - Campo Mourão, Parque Gralha Azul: área destruída pela erosão, 2016

Fonte: Neumar de Oliveira, 2016.

Ao analisar o processo erosivo os alunos (grupo-1) munidos dos relatórios elaboraram proposta de uso e implementação de políticas de educação ambiental no parque e apresentaram na Tabela 01 suas considerações.

Tabela 01 - Proposta de uso e implementação de políticas de educação ambiental no Parque, 2016

Situação do processo erosivo	Ação	Esfera de competência.
Voçoroca	Readequação e redistribuição das galerias pluviais e aterramento do local	Esfera municipal
Perda da vida vegetal	Reflorestamento da região impactada pela erosão.	Esfera municipal
Nascentes de águas	Canalização das nascentes rumo ao rio	Esfera municipal
Presença de resíduos na área do parque	Remoção de resíduos do local, cercamento do parque, fixação de lixeiras com sacolas acondicionadoras e conscientização da comunidade.	Esfera municipal e responsabilidade cidadã.

Outra observação feita pelos alunos foi a flora do parque, onde identificaram espécies da vegetação de Mata Atlântica em transição com a floresta Estacional Semidecidual e Ombrófila Mista (araucárias), Figura 07, e vegetação arbustiva, composta por samambaias, bromélias e palmeiras. As trepadeiras e epífitas, cactos e samambaias são muito abundantes nesse tipo de vegetação e também puderam ser percebidas no local.

**Figura 07 - Campo Mourão, Parque Gralha Azul: vegetação Ombrófila Mista. 2016**

Fonte: Aluno R.E.F (2016)

Segundo relato dos moradores essa área vegetal sofreu durante anos um processo de degradação, no qual as espécies foram exploradas e a fauna, composta majoritariamente por

pássaros, foi incomodada. Relataram ainda que além de retirarem galhos de árvores, jogavam lixo (Figura 08) e o local se tornou espaço de circulação de pessoas e em alguns momentos refúgio para o uso de drogas ilícitas. Ao se deslocarem pelo trajeto proposto, além da vegetação, identificaram muitos resíduos sólidos e orgânicos, como plásticos, entulhos de construção civil e animais mortos descartados indevidamente.



Figura 08 - Campo Mourão, Parque Gralha Azul: lixo descartado incorretamente. 2016

Fonte: Neumar de Oliveira, 2016.

No parque os alunos notaram a falta de compromisso por parte da administração municipal e a falta de consciência ambiental por parte dos moradores locais em manter a conservação correta do mesmo, pois foi visível a falta de infraestrutura e de manutenção. Segundo a interpretação dos alunos, seria necessário promover programas de conscientização ambiental, pois notaram uma grande quantidade de resíduos sólidos acumulados no parque.

Sobre os aspectos da vegetação, os alunos (grupo-2) também escreveram suas considerações sobre políticas públicas no parque que consta na tabela 2. O fato de o Trabalho de Campo ter sido realizado no parque próximo a escola e a suas residências proporcionou aos alunos a reflexão para os problemas socioambientais do local onde convivem. Questionados sobre os objetivos do projeto os alunos relataram a importância da participação em projetos ambientais em sua comunidade.



Figura 09- Campo Mourão, Parque Gralha Azul: observação das condições do parque. 2016
 Fonte: Neumar de Oliveira (2016)

Tabela 02 - Proposta de uso e implementação de políticas de educação ambiental no Parque.

Situação da vida vegetal do parque	Ação	Esfera de competência.
Fragilidade da fauna e flora do Parque.	Implantação de barreiras para separar as pessoas dos locais de maior fragilidade.	Esfera municipal
Presença de resíduos na área do parque	Programa de conscientização da sociedade para findar o descarte irregular de lixo no local	Esfera municipal e responsabilidade cidadã.
Sustentabilidade	Promover programas de educação ambiental e de uso sustentável do parque, como visitação, lazer e conscientização ambiental, recuperação de áreas degradadas e replantio de espécies em extinção	Esfera municipal

A aluna F.A.O (Figura 10) respondeu que o projeto foi adequado ao seu aprendizado, que já havia desenvolvido trabalhos externos à escola, entretanto, as atividades foram somente de excursões, nas quais foi possível observar as características das paisagens, mas sem aprofundamento sobre os aspectos de relevo, vegetação, solos e climas, questões sociais ou problemas ambientais. Relatou também que os aspectos de correlação das atividades humanas na paisagem foram pouco trabalhados por outros professores e muitos conteúdos tiveram como referência somente os livros didáticos, trabalhados de forma isolada em seus aspectos. Comentou

ainda que poucos foram os trabalhos significativos que envolveram a comunidade em que mora e que mesmo sendo realizadas as atividades não passaram de simples explicações. Em seu relato, ela fala: “Nunca estudamos sobre a nossa vila, sempre observamos a paisagem, mas, sem interação com ela”.



Figura 10 - Campo Mourão – Parque Gralha Azul - Aluna em registro fotográfico, 2016.
Fonte: Neumar de Oliveira, 2016.

Considerando esse depoimento, percebeu-se que “o ver, tocar e sentir” o espaço geográfico mobiliza as sensações e percepções dos alunos no processo de aprendizagem, permitindo que eles façam articulações entre a teoria e a prática. Além de, possivelmente, despertar-lhes o interesse para a pesquisa e maior facilidade na absorção dos conteúdos escolares.

Quando questionada sobre o motivo pelo qual ela estava fazendo o registro fotográfico, a estudante foi enfática: “(...) para que o trabalho do grupo tenha sucesso e na apresentação eu possa mostrar registros e fotos que reflitam a transformação na paisagem...”.

Continuando os questionamentos para a turma sobre os aspectos da paisagem, outro aluno respondeu: “(...) Ah, professor, essa reserva é tão bonita! A gente pode fazer muitas coisas para melhorá-la, a Prefeitura poderia fazer trilhas, atividades ambientais e de recreação para nós, e a comunidade poderia usar melhor essa reserva, inclusive não jogando lixo...”.

3.2.2 Sistematização das Atividades de Trabalho de Campo

Depois da visita ao local, os alunos apresentaram suas considerações, bem como, construíram relatórios de suas experiências de acordo com os temas propostos e, como resultado do Trabalho de Campo, das observações, registros e representações das condições do parque, elaboraram coletivamente propostas de educação ambiental que foram relacionadas anteriormente.

Em aula posterior ao Trabalho de Campo os alunos munidos das anotações do caderno de campo e das imagens registradas se dirigiram ao laboratório de informática para a sistematização das informações, cada grupo criou um relatório da atividade de campo e apresentou aos colegas, compartilhando suas experiências. O relatório de cada grupo foi reunido em um texto de produção coletiva voltado para conservação do meio ambiente, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade, identificando parâmetros para a melhoria da infraestrutura do parque a fim de tornar esse espaço mais harmônico.

A partir do relatório final, as informações sistematizadas sobre as experiências vividas envolvendo alunos e professores foram apresentadas à comunidade escolar, no intuito de ratificar a importância da metodologia do Trabalho de Campo.

Esperou-se com os registros a reflexão para atitudes ambientais reais, visando alcançar o pleno conceito de desenvolvimento sustentável, a identificação dos elementos que formam a paisagem e a percepção das transformações nela ocorridas, bem como as relações harmônicas e desarmônicas presentes no ambiente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os estudos referentes à importância da aula de campo para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento do raciocínio lógico dos estudantes. Os espaços fora da sala de aula despertam a capacidade de aprender, pois se caracterizam como espaços estimulantes que se bem aproveitados se classificam como um espaço concreto para a aprendizagem.

Diante das experiências vividas pelos alunos, quer nos momentos didáticos em sala de aula ou nas tarefas do roteiro dirigido de observação da paisagem, essa experiência se configurou

como um fator motivacional e estimulador dos conteúdos de aprendizagem, despertando o interesse e a curiosidade dos estudantes, conduzindo-os ao questionamento e à busca do saber, contribuindo para a construção de valores sociais, habilidades, atitudes e competências.

Partindo dessa realidade, foi possível entender que as novas sugestões metodológicas ligadas ao ensino e aprendizagem precisam ser consideradas.

O Trabalho de Campo em Geografia não é inédito, todavia, o professor munido de metodologias diferenciadas que imprimam ações às aulas consegue trabalhar os conteúdos geográficos numa visão interacionista e construtiva e prazerosa. Nessa concepção, o conhecimento sendo fruto de reações aos estímulos é capaz de fazer-se praticar.

Percebemos que os alunos tiveram em campo a oportunidade de aliar os conceitos teóricos à prática e de aprimorar suas habilidades com relação à observação e interpretação da paisagem, no entanto não caracterizamos o trabalho de campo como o fim de um estudo, mas como uma experiência de aprendizado em que o aluno se remeterá cada vez que a construção do conhecimento se confrontar com a necessidade do aprendizado prático.

A ampliação da leitura de mundo dos alunos e a participação efetiva em comunidade é um dos objetivos do processo educativo. O Trabalho de campo em Geografia escolar busca desenvolver essa leitura, considerando como ponto de partida os saberes que os alunos trazem do seu cotidiano. Quando o espaço estudado faz parte do seu cotidiano eles aprendem significativamente melhor o conhecimento geográfico, partindo da possibilidade de expressar suas experiências e saberes, ampliando o conhecimento e tornando-se capazes de ler e agir modificando o mundo a sua volta.

Enfim, o Trabalho de Campo além de contribuir com o aprendizado dos alunos, pode ainda favorecer o estreitamento de sua relação com o professor, na medida em que intensifica a comunicação entre os envolvidos, favorece o conhecimento da realidade e das necessidades dos alunos e identifica suas potencialidades, situações que geram um maior grau de satisfação.

5 REFERÊNCIAS

CARDOSO, Oséias. Olhar geográfico sobre a gestão de unidade de conservação presente em espaço periurbano. In: **II Simpósio de estudos urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço**. Campo Mourão, Agosto, 2012.

CARDOSO, Oséias; SOUZA, Paula; LIBERALI, Lucimara. **Pré-plano de manejo do Parque Municipal Gralha Azul**. Campo Mourão, 2007.

DEFFUNE, G.; LIMA, M.G. (Orgs.). **Da Geografia que se faz à Geografia que se quer: muitos caminhos a percorrer**. Maringá -PR: EDUEM, 2013.

DEFFUNE, Glaucia. LIMA, Maria das Graças de. (Org.). **Da Geografia que se faz à Geografia que se quer: muitos caminhos a percorrer**. Maringá: Eduem, 2013

LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissionais docentes-** São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. **Estudo do meio: Fundamentos e Estratégias**. Maringá: Eduem, 2010.

MONBEIG, P. **Ensaio de geografia humana brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MONBEIG, P. **Novos estudos de Geografia humana brasileira**. São Paulo: Difel, 1957.

MONBEIG, P. **Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa**. Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro: ano VII, nºs 1 e 2. 1954.

MONBEIG, Pierre. **Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa**. Revista Tamoio, Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro- FFP. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/609/641>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Col. Geografia: Teoria e Realidade, Ed. Ucitec-Polis, 1984 (Ed. Original: 1952).

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate. In. ALVES, Nilda (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.

MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO. **Convênio Celebrado pelo Município e a Associação de Pais, Mestres e Funcionários do Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo – Utilização e Conservação**, Parque Municipal Gralha Azul, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Geografia para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio**. Curitiba: SEED, 2008

SACRISTÁN, José Gimeno. A função aberta da obra e seu conteúdo. In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013

STERNBERG, Hilgard O'reilly. **Contribuição ao estudo da Geografia**. O Trabalho de Campo na Geografia. Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação. 1946.

OLIVEIRA, I. B. de. As artes do currículo. In: OLIVEIRA, I. B. de (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez, p. 9-25. (Série Cultura, Memória e Currículo; v. 4) 2003

Data de recebimento: 20 de novembro de 2018.

Data de aceite: 09 de maio de 2019.